

Analogia às polícias: estratégia de evangelização ou milicização da fé?

Ao adotarem as estéticas policial e militar, patrulhas evangélicas se aproximam mais da polícia ao agir fora da religião. Daí para as armas é questão de conveniência e oportunidade

Alexandre Pereira da Rocha
18 de agosto de 2020

REPRODUÇÃO FACEBOOK PATRULHA DA PAZ FORÇA CELESTIAL



Patrulha da Paz usa formas policiaescas para impor fé religiosa e visões de mundo

Mais um plantão. Na sombra da noite, viaturas rondam pela favela. A patrulha está na área. Olhares atentos de agentes vasculham os espaços. Ali e acolá há a possibilidade de achar algo fora do lugar, de flagrar algum desajustado, de socorrer alguém em perigo. O tirocínio é fundamental nesse momento. É agora. Ali. Hora da abordagem: parados (...). Corta! Esse poderia ser mais outro roteiro de uma ronda policial, mas não é. Na verdade, é o peculiar meio de evangelização da organização intitulada Patrulha da Paz, que atua em regiões periféricas do Distrito Federal.

Como já tem sido divulgado nas redes sociais, os membros da Patrulha da Paz agem à semelhança das policiais militares, com viaturas, fardas, estratégia e discursos. Assim, abordam pessoas nas ruas da região Sol do Nascente, uma das mais pobres e violentas do Distrito Federal. Os agentes, sob as ordens de pastores, fazem operações rotineiras em busca de condenados, pecadores e perdidos. Eles abordam seus suspeitos, sacam a Bíblia e disparam trechos do livro sagrado. Nessas operações, às vezes, distribuem utensílios, como roupas, cobertores e alimentos. Outras vezes, conduzem viciados em drogas para casas de reabilitação evangélicas.

Até então, a Patrulha da Paz parece ser só mais uma curiosa forma de evangelização. Aliás, não é exclusividade. É conhecida também a formação dos Gladiadores do Altar, da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd). Chama a atenção a disposição deles. No geral, são hostes de jovens enfileirados, marchando, em posição de sentido, prestando continência e bradando palavras de ordens

frente a pastores-comandantes. Esse grupo também age numa expressa alusão ao modelo militar. Numa análise precipitada, isso pode não parecer problema, afinal, várias religiões usam de alegorias bélicas e militares há tempos.

Não obstante, noutra avaliação mais detalhada, essa imitação de segmentos evangélicos às organizações policiais e militares pode não ficar restrita ao âmbito da religião. De forma imediata, isso ocasiona a reestruturação deles em valores que almejam alinhar seus fiéis não só na disciplina da fé, mas em práticas cada vez mais aguerridas de evangelização. A longo prazo, por se apropriarem dessas tipologias, discursos e práticas dos campos policial e militar, eles vão se constituindo em milícias. Daí já não são apenas igrejas em ação, mas organizações paramilitares, mesmo que ainda desarmadas. Nesse estágio, a ordem militar pode deixar de figurar com meio de estruturação interna para se constituir numa estratégia de ação externa.

Por conta disso, a atuação dessas ordens evangélicas fora dos recintos das igrejas não deveria ser ignorada. Ao adotarem as estéticas policial e militar, esses grupos vão formando éticas cada vez mais policialescas no agir fora da religião. Esse é o caso da Patrulha da Paz. Com efeito, as abordagens dessa organização, com o mesmo padrão das abordagens policiais, atuam em regiões periféricas ditas pontos quentes de desordens e, preferencialmente, na vigilância e contenção de indivíduos rotulados de desajustados. Ainda com o lema social, ela adentra em questões de direitos individuais, as quais vão desde a liberdade de crença até a condução coercitiva de indivíduos usuários de drogas.

Particularmente, a Patrulha da Paz ampliou o lastro da religião para se tornar uma organização da sociedade civil de interesse público (Oscip). Em seu canal de divulgação, "*patrulhadapazdf.wixsite.com*", traz a missão: "atuamos com palestras de conscientização ao não uso de drogas lícitas ou ilícitas, em abordagens nas ruas ou nas residências dos dependentes com altorização dos familiares" (*sic*). Ademais, possui por projeto: "trazer segurança, conforto, confiabilidade as famílias, tirando por meio voluntario das ruas os usuários que por vontade própria queiram ser internados" (*sic*). Nesse endereço é possível ver seus integrantes alinhados numa estrutura hierárquica sob às ordens de um pastor comandante geral do 1º batalhão da Patrulha da Paz, o qual "comanda com ordem, decência, disciplina e doutrina" (*sic*).

A Patrulha da Paz, destarte, indica que o rótulo militar está além dos fins de evangelização. De fato, essa é uma associação privada que adota as vestes da polícia para atuar na guerra às drogas, sobretudo, com o arresto de viciados, o que ficou mais viável a partir da Lei nº 13.840/2019, que possibilita a internação involuntária de usuários de drogas. Essa analogia, portanto, concede autoridade para que ela opere junto a populações vulneráveis, em geral carentes de estruturas do poder público, como da própria Polícia. Nesse sentido, ela age com poder de polícia, mesmo que não legalizado, na vigilância de segmentos populacionais específicos marcados pela marginalização, preconceitos e ausências de direitos básicos.

Pode parecer caricato a reprodução de modelos policial ou militar por grupos evangélicos, como a Patrulha da Paz. Talvez por isso sejam tolerados. Contudo, não se pode ignorar que eles estão usando formas policialescas para impor fé religiosa e visões de mundo. Por enquanto, o armamento deles é a Bíblia, mas o risco de pleitearem armas de fogo para segurança e êxito de suas missões não pode ser descartado. A estruturação ao estilo policial ou militar alguns já possuem; daí para as armas em punho é uma questão de conveniência e oportunidade políticas.

Enfim, organizações como a Patrulha da Paz não deveriam ser desprezadas, porquanto direitos individuais de populações vulneráveis podem estar sendo afligidos por milícias em nome da bandeira da evangelização.

Alexandre Pereira da Rocha

Cientista Político (UnB), mestre e doutor em Ciências Sociais (UnB). Policial Civil do Distrito Federal

[https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhb-s5myy-3pmpy-8fma6-b2uqs-76dju-pjg68-sjpj6-urnqf-yg5si-ohcr8-grs9u-fvcnc-gb8bf-qrsno-fof](https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhb-s5myy-3pmpy-8fma6-b2uqs-76dju-pjg68-sjpj6-urnqf-yg5si-ohcr8-grs9u-fvcnc-gb8bf-qrsno-fof)

